



UFRGS

PROFESSORES EMÉRITOS

MEMÓRIAS E HISTÓRIA





UFRGS
PROFESSORES EMÉRITOS
MEMÓRIAS E HISTÓRIA

UFRGS

PROFESSORES
EMÉRITOS
MEMÓRIAS E HISTÓRIA

Clarice Siedler

Édina Rocha

OTTO KOLLER



Entrevista concedida em abril de 2013. Foto: Flávio Dutra

2012

RECEBE O TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO DA UFRGS

260

DEDICAÇÃO INVESTIDA NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS TRAZ RETRIBUIÇÃO E RECONHECIMENTO

“Esse é um aspecto da universidade que mudou e acho que foi para melhor, porque quando eu entrei na faculdade não havia concurso.”

A aquisição de terras para a instalação do Centro Agrônomo, então localizado no município de Guaíba, foi um importante salto qualitativo no ensino, na pesquisa e na extensão da área agropecuária da Universidade. Transcorria o ano de 1959, e o objetivo à época era transferir a recém-federalizada Faculdade de Agronomia e Veterinária para lá. Algum tempo depois, o Centro se tornou Estação Experimental e aquele local passou a integrar o município de Eldorado do Sul.

Um dos primeiros a morar lá foi Otto Carlos Koller, filho de agricultores nascido na Linha Estreito do Rio Uruguai, no interior de Marcelino Ramos (RS). Veio para Porto Alegre antes de cursar o segundo grau e em seguida fez vestibular para Agronomia na UFRGS, sendo classificado em primeiro lugar. Logo após a sua formatura, em 1961, foi convidado a trabalhar como engenheiro agrônomo, na categoria de

técnico científico, na nova fazenda que os estudantes chamavam de Novafac, em alusão à capital federal Brasília, inaugurada à época e apelidada de Novacap. Por ter sido aluno da instituição, sabia que no Campus do Vale não havia espaço suficiente para pesquisa de campo, para fazer pomares e lavouras representativas da agricultura do estado. As turmas precisavam ser levadas em excursões para as aulas práticas, por isso estas não eram muito frequentes. Refletiam na sua formação as dificuldades de não terem seu próprio espaço, por isso os jovens festejaram a compra do Centro.

O contrato era para atuar no setor de Fruticultura, que é um ramo do qual o docente gosta até hoje, o que o deixou muito feliz. Durante oito anos, residiu e trabalhou no Centro, realizando atividades técnicas, de ensino e de pesquisa. Casou-se em seu primeiro ano lá (1962), apesar de ganhar um salário baixo e cumprir uma carga de nove horas diárias. No local só havia energia elétrica à noite, produzida por um gerador que era desligado às 22 horas. Como ele tinha sido criado no meio rural, a situação

1961

É INAUGURADO O CENTRO AGRONÔMICO, QUE ANOS MAIS TARDE PASSA A SER CHAMADO DE ESTAÇÃO EXPERIMENTAL AGRONÔMICA

261

de precariedade não o incomodava, mas a questão econômica era um pouco mais delicada. Por essa razão, uma de suas grandes alegrias foi seu enquadramento como servidor da Universidade, ocorrido em 1966 com efeito retroativo a 1964. Aquele foi um período de muito crescimento, com o início das construções e das instalações no local, e também da estruturação de setores, como o de Horticultura e Silvicultura, pelo qual se tornou responsável técnico.

Outra satisfação que sentiu foi quando recebeu a proposta de lecionar na vaga de um titular que se aposentara, mesmo estando ainda como técnico. Aceitou e ficou em desvio de função por dois anos, tempo em que deu aulas de Fruticultura e Silvicultura por um salário que correspondia à metade do que recebiam os auxiliares de ensino. Era a época da “revolução” e não havia a necessidade de participar de concurso para entrar na instituição ou trocar de categoria, e Koller resolveu pedir para passar a professor, já que exercia tal função. Chegou a fazer uma pequena greve de uma semana e estava recebendo apoio dos outros colegas até que “o chefe do Departamento me deu uma carta do vice-reitor pedindo que eu levasse

em consideração pelo menos a situação dos alunos que não iam se formar – lecionava no quarto ano – e que por eles eu continuasse a dar aulas”. Voltou, mas sua luta já tinha se tornado visível e teve alguma influência – em sua opinião – para que aprovassem seu pedido de licença para fazer mestrado na USP (Universidade de São Paulo) em Piracicaba. Feliz por ter obtido licença para o mestrado, resolveu emendar com o doutorado, terminando os dois cursos em apenas três anos. No meio desse período, foi aprovado em concurso público para professor assistente da UFRGS na área em que lecionava.

Em 1989, o docente optou pela aposentadoria por tempo de serviço, mas, como já tinha bolsa de produtividade de pesquisa do CNPq, comunicou a decisão à entidade e imediatamente recebeu uma complementação de professor adjunto para titular e continuou atuando na pesquisa e na pós-graduação até 2008. Participou do Comitê de Agronomia do CNPq na condição de representante da Agronomia, integrando reuniões para julgamento de projetos de pesquisa e de concessão de bolsas, tudo baseado na produtividade dos candidatos. Ele conta que há 40 anos o Brasil estava muito atrasado em termos de pes-

quisa e de publicações científicas (o que não ocorria na Agronomia, que estava bem à frente nesse sentido), com baixo volume de trabalhos publicados, e o governo estimulou o mestrado, o doutorado e a pesquisa científica. O ensino acompanhou essas medidas, se beneficiou delas, mas a extensão ficou relegada a um plano secundário. Um artigo de divulgação técnica para uma revista de grande circulação até hoje praticamente tem pouco valor, mas os que são escritos para publicações científicas nacionais e internacionais são muito valorizados.

Passou dois anos e meio trabalhando no seu sítio em Viamão com produção de frutas – fruticultura e citricultura – e se dedicando também a escrever alguns trabalhos com resultados de pesquisas que ainda não tinham sido publicados. A destruição de quase tudo por um tornado que devastou aquela região coincidiu com um convite para voltar à UFRGS, feito pelo chefe de Departamento. “Foi muito bom, porque havia algumas coisas que eu queria resolver na Universidade e tive a oportunidade de voltar. Novamente me enchi de alunos de mestrado e doutorado, consegui recursos do CNPq para investir em cursos e reativar a pesquisa na Estação Experimental, que estava muito defasada

em termos materiais.” Diz que, por outro lado, como professor aposentado, ele se sentia um pouco desconfortável, mesmo que tenha sido muito bem recebido e estabelecido uma convivência excelente com os colegas. Não é todo mundo que entende alguém que volte da aposentadoria sem ser recontratado e trabalhando praticamente de graça.

Durante seu período na Estação, além das atividades de ensino, pesquisa e extensão, atuou também na parte administrativa, seja como responsável por setor ou como substituto do diretor por mais de dois anos, administrando uma grande equipe de funcionários. Na Faculdade de Agronomia, onde foi lotado ao vir para Porto Alegre, foi chefe de Departamento, coordenador de pós-graduação e vice-diretor da unidade, voltando a lidar principalmente com os funcionários. “Esse é um aspecto da Universidade que mudou, e acho que foi para melhor, porque quando eu entrei não havia concurso e vários dos professores da Agronomia eram filhos de catedráticos. Ficava uma questão de clã, de dinastia dos catedráticos. Funcionários, então, principalmente na Agronomia, que era mais retirada em relação à cidade, eram famílias inteiras.”

1961

CONCLUI O CURSO DE AGRONOMIA PELA UFRGS E VAI TRABALHAR NO CENTRO RECÉM-CRIADO

262

1973

TORNA-SE MESTRE EM FITOTECNIA PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)

263

O docente explica que, naquela época, quem estava trabalhando colocava quem queria na faculdade, seja na secretaria, para ser datilógrafo ou em laboratórios. Em alguns casos, eram pessoas “que não tinham terminado o primeiro grau, nunca tinham visto uma máquina de escrever na frente, então era difícil exercerem bem as funções para as quais foram contratados”. Para escrever seus artigos, os professores tinham de aprender datilografia, porque do contrário não conseguiriam publicar nada. Ele conta que, por volta de 1980, começaram os concursos e, com isso, melhorou bastante a qualificação do pessoal e a qualidade do trabalho.

Em relação às construções que há dentro do campus da Faculdade de Agronomia, Koller explica que as oito casas consecutivas, situadas ao lado do prédio central da Faculdade, ao longo da Avenida Bento Gonçalves, eram residências de servidores que depois foram transformadas em laboratórios, gabinetes de professores e salas para alunos de pós-graduação. Casado com uma filha de

funcionário da Veterinária que morava nos fundos do campus, perto do morro Santana, conviveu muito com trabalhadores que moravam ali. “Antigamente, a ideia da direção era, inicialmente, que famílias de funcionários residissem no campus, o que significava que à noite, aos sábados e domingos eles estavam lá quase como que vigilantes, pois impediam invasões.” Como vice-diretor, enfrentou pequenos desentendimentos entre os moradores e, também, o fato de que muitos tinham se aposentado e continuavam lá porque não queriam sair das casas. “Pessoas que tinham habitado lá durante 30 ou 40 anos tiveram a oportunidade de fazer uma economia para comprar algum imóvel ou um terreno ao se aposentar, pois não tiveram despesas com aluguel, água, luz e transporte, além disso, existiam facilidades das instituições bancárias para financiar, por isso começamos a pedir as residências de volta e dar prazos para a entrega, o que me rendeu, inclusive, inimizades.” Hoje que as edificações estão totalmente recuperadas e até os porões foram reaproveitados como laboratórios, aquelas mesmas pessoas reconhecem os benefícios para a instituição da reapropriação dos espaços.

Antigamente, havia também umas casas do outro lado do Arroio

Dilúvio, perto do restaurante universitário, que foram cantinas usadas para fazer vinho e que na época em que o professor estudou Agronomia já não funcionavam mais com essa finalidade. Antes de ser criada a Casa do Estudante, elas serviam de residência a alunos, que as chamavam “a casa dos moradores da cantina”. Como eles tinham de atravessar o Arroio para ir até lá, eram apelidados de “capinchos” (capivaras). Depois de serem desocupadas pelos jovens, as construções foram utilizadas por duas famílias durante quase uma década, e quando Koller era vice-diretor houve a tentativa de instalar no local um grupo de pessoas sem vínculo empregatício com a instituição, mas foi possível contornar a situação e, posteriormente, demolir as edificações, para evitar novas ocupações.

Pensando no aspecto pessoal sobre sua história na UFRGS, o docente acredita que fez várias coisas que valeram a pena, mas o que mais recompensa, em sua opinião, é a dedicação investida na formação dos alunos de graduação e, em especial, de pós-graduação, porque sente a retribuição e o reconhecimento da parte deles até hoje. “E isso que eu era exigente e ainda sou reconhecido por eles por essa característica.” Conta que a maioria está em instituições de pesquisa e em outras univer-

sidades, em espaços de projeção no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, e que esse é o melhor retorno, “o do investimento em recursos humanos, que é muito gratificante porque multiplica o trabalho”.

Avaliando a relação profissional em termos institucionais, crê que sua maior contribuição à Universidade foi sua produção científica, de pesquisa, desenvolvida basicamente sobre Citricultura – que foi o seu campo de estudos no mestrado e no doutorado –, mas que abrangem também abacate, abacaxi e outras culturas. “Não considero que eu tenha sido algo fenomenal, mas todas as minhas pesquisas tinham como sentido a melhoria da produtividade e o aumento da qualidade das frutas cítricas ou de abacates, e isso foi atingido.” Seu trabalho permitiu comprovar que quanto maior o número de plantas por unidade de área, maior a produção nesse espaço físico, o que gerou o aumento significativo da população de árvores por hectare no estado, passando de 200 para 600.

Da sua época de aluno, destaca a atuação de alguns docentes que foram fundamentais em sua formação. Um deles foi o professor Álvaro

1975

PASSA A SER DOUTOR EM SOLOS E NUTRIÇÃO DE PLANTAS PELA USP

1966

OCORRE MUDANÇA EM SEU ENQUADRAMENTO NA INSTITUIÇÃO PASSANDO DE SERVIDOR TÉCNICO-CIENTÍFICO PARA DOCENTE

264

265

1989

PEDE APOSENTADORIA POR TEMPO DE SERVIÇO

1989 – 2008

TRABALHA COMO PROFESSOR CONVIDADO DA UFRGS E PESQUISADOR DO CNPQ

Machado Xavier, que era titular e trabalhava na Secretaria de Agricultura, tendo se tornado paraninfo de várias turmas. Koller explica que, apesar de não ser pesquisador, o docente tinha uma cultura geral muito grande e dava aulas muito boas de fruticultura, práticas inclusive. Outro que era muito valorizado pela turma em geral era Luiz Carlos Pinheiro Machado, de Zootecnia, que foi cassado pela revolução, “por ser muito bom professor e muito dinâmico”. Depois que voltaram os direitos civis individuais, ele fez concurso para titular na Universidade Federal de Santa Catarina, foi aprovado e de lá pediu transferência para voltar à UFRGS.

Para o Emérito, a Agronomia cresceu muito nas últimas décadas

– tanto em termos de quantidade de docentes como de qualidade acadêmica –, e os estudantes de hoje estão muito bem orientados. Para exemplificar o progresso conquistado ao longo desse tempo, cita a diversificação do ensino para abranger a maior parte de culturas possível, entre as variedades nativas e as introduzidas no estado, e a ampliação do campo de atuação no que diz respeito à pesquisa e à extensão. A partir da parceria estabelecida com a Emater (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) e com a Associação de Produtores, a Universidade passou a trabalhar diretamente com o agricultor, ajudando a resolver seus problemas específicos e buscando alternativas inovadoras para seus pomares.



Foto: Museu da UFRGS / Acervo



Foto: Museu da UFRGS / Acervo

O PROFESSOR OTTO KOLLER PARTICIPOU DA CRIAÇÃO DO CENTRO AGRONÔMICO, HOJE ESTAÇÃO EXPERIMENTAL AGRONÔMICA, LOCALIZADA EM ELDORADO DO SUL, RS